

SER PALHAÇO

Andreia Aparecida Pantano

Universidade Paulista – UNIP

Clown, Augusto, personagem.

Resumo

Neste trabalho, procuramos indagar sobre o que é ser um palhaço, revelando, entre outras coisas, os dissabores da profissão. Permeada de mitos, essa é uma das profissões mais antigas. Procuramos investigar a origem do Clown Branco e do Augusto, demonstrando assim as diferenças que compõem essas duas personagens. O Clown Branco é proveniente da aristocracia e, nesse sentido, seus gestos são todos refinados. Já o Augusto é o expoente dos excluídos. Sua caracterização e interpretação revelam esse caráter miserável. O Augusto, embora seja um comico por natureza, não deixa de retratar a miséria de sua personagem. Ele faz isso explorando o ridículo. É ele quem melhor representa a humanidade açotada, pois passa parte de sua vida sendo espancado e humilhado.

Ser Palhaço

Andreia Aparecida Pantano

Mestre em Filosofia

Universidade Paulista

GT – Dramaturgia, tradição e contemporaneidade

Comunicação Oral

“O palhaço é a forma ridícula da vida, do homem, da personalidade”.

CHARLEQUITO

Augusto, o idiota, surgiu quando Tom Belling, um cavaleiro inglês, cai no meio da pista de um circo¹. Ao perceber que a queda foi causada por sua embriaguez, o público não se conteve e esboçou toda a sua alegria diante do seu ar bobalhão e seu nariz vermelho. Neste momento, Tom Belling construiu sua personagem, desta vez enfatizando o ridículo, vestindo-se de forma grotesca e explorando ainda mais a confusão que havia feito na noite anterior. No entanto, agora, soube exagerar e aproveitar o que antes havia sido um simples acaso. Consciente do que o público gostava, explorou ao máximo todos os recursos para suscitar o riso. Nasceu, nesse momento, o tipo Augusto.

Curiosamente, ser palhaço não foi uma escolha dos muitos dos entrevistados. Na maioria das vezes tiveram que “pintar a cara” para substituir algum palhaço que faleceu ou foi embora. E, como no circo-teatro o fundamental é o palhaço, o jeito é deixar a timidez de lado e construir sua personagem. Maquiagem exagerada, movimentação grotesca, roupas extravagantes etc.: eis o palhaço, aquele que desperta o riso e o medo. Difícil de passar despercebido. Parte integrante do circo, ou melhor, nascido com o circo, já na tenra idade foi para o palco.

A vida ambulante fascinou e arrastou consigo muita gente, desde o primeiro palhaço negro que incorporou a representação de comédias e dramas em seu circo, criando assim o circo-teatro. Benjamin de Oliveira teve que dar saltos e fazer acrobacias para mostrar que não era escravo fugitivo, mas sim um artista. Outro que resolveu ir atrás do circo foi o filho de Floriano Peixoto, o Florianinho, que se encantou com uma trapezista. (TORRES, 1998, p.24). A história não termina aí. Ainda hoje, relendo as entrevistas que temos, encontramos palhaços que se apaixonaram por essa arte e resolveram ir atrás do circo. Aliás, essa história é mais comum do que se imagina. O palhaço Paçoca é um desses:

(...) não fui pra assistir o espetáculo do circo, eu fui ajudar uma senhora lá que me pediu pra carregar água, que não tinha água encanada lá no circo Stankovitch. Eu falei pra ela: “tudo bem, eu posso carregar pra senhora.” Ela me convidou pra vender balas pra ela no espetáculo à noite. Daí, já saí de minha cidade. Ela me convidou pra ir pra outra cidade, pra ir vender balas lá pra ela. Voltei pra casa depois de dois anos.²

¹ A despeito da origem da palavra Augusto: “Tanto Toni como Augusto derivam do apelido e nome do palhaço que exercia a função na dupla. Tony, por exemplo era apelido do famoso palhaço ‘Antony’. (FONSECA, 1979, p. 21). Augusto, era como o público gritava ao ver o palhaço caindo no picadeiro, ou seja, uma expressão de alegria manifestada pela platéia que acabou designando o nome artístico do palhaço.

² Entrevista realizada no dia 23 de maio de 1998, na cidade de Barretos (SP), no circo Spacial, com Antonio

Há várias histórias construídas a partir do palhaço, principalmente no que diz respeito a toda essa alegria, esse brincar constante no palco. Uma delas é que por detrás da máscara existe um homem triste e profundamente desiludido. Seu sorriso juvenil seria apenas aparente. A máscara, além de fazer parte da caracterização da personagem, seria um subterfúgio para escamotear certa tristeza no olhar. No palco, um ser alegre por excelência; fora dele, triste por condição. Eis alguns exemplos dessas histórias:

Augusto Duarte, o célebre artista que agitou as platéias mineiras na década de 1880 e a quem se atribuía um passado triste, marcado por uma grande desilusão no amor. Truão impagável, espirituoso, realizador das mais hilariantes e bufas pantomimas, vivia, fora do palco, triste e desgostosamente. (DUARTE, 1995, p.198).

Como vemos esta alegria transmitida nos palcos nem sempre condiz com o estado de espírito de quem a interpreta. Às vezes essa alegria é exclusiva da personagem. O palhaço Arrelia foi um dos muitos que tiveram que ir para o palco e fazer palhaçadas mesmo estando profundamente triste. Em sua entrevista, o Senhor Wilson (palhaço Gira-Gira), realizada em Bauru nos dias 1-2 de agosto de 1997, relata esta história a respeito do ocorrido com o palhaço Arrelia:

(...) muitas vezes você está ali doente. Você entra no picadeiro, aquele público não quer saber seu estado emocional, seu estado de saúde. Ele quer saber é de você os fazer rirem. Eles foram ali para assistir o palhaço e querem rir. Agora, o palhaço sabe o quanto ele está sofrendo para fazer o espectador rir. Muitas vezes, isto é um fato até verídico, que veio do palhaço Arrelia, que fez até alguns versos contando essa história. Ele, na sua mocidade interpreta isso e contava aos seus espectadores. Foi o dia em que estava se maquiando, quando chegou um telegrama dizendo do falecimento da mãe dele. O espetáculo não podia parar. O povo pagou, está lá dentro do circo, e o palhaço recebe uma notícia dessa. Agora você precisa ver o estado da alma: arrasou completamente em saber que ele tem que fazer o público rir, com sua alma triste, doente, em saber que sua mãe estava morta.

E ele, fazendo rir e chorando por cima da pintura do seu rosto, feliz ele sentiu-se quando terminou o espetáculo, no seu camarim escuro, naquela barraca escura maldizendo a sua desventura! Foi quando ele pôde à vontade chorar pela morte da sua mãe.

Esse é um dos dissabores da profissão. Ter de fingir que está contente quando sente dor. É claro que estas histórias que permeiam esta figura tão inusitada não condiz com as diversas realidades dos palhaços: esta é só mais uma das inúmeras lendas que fazem parte do mundo circense.

Há tempos atrás, a chegada do circo na cidade era anunciada pelo palhaço, que saía pelas

ruas cantando e fazendo piadas jocosas atraindo o público para a estréia.

Cartazes; canções com a famosa brincadeira “e o palhaço o que é ? ladrão de muié!”; preços especiais para crianças e mulheres; etc. – a festa estava armada. Após essa chamada, restava esperar o público que escolhia a sua “fantasia” para ir ao circo. Não era só o circo, ou melhor, o palhaço que se arrumava para esperar o público: a platéia também se enfeitava para ir ao circo, escolhendo a melhor roupa. Ir ao circo não se resumia apenas em assistir ao espetáculo: este espaço mágico também era um lugar de encontro, de paquera. (CAMARGO, 1998, p.31). Neste sentido, olhar para o espelho e escolher o traje adequado não era algo exclusivo do palhaço. O público também passava por este ritual.

No picadeiro, junto com o seu partner (também chamado de escada), o palhaço se apresentava. Mas qual a origem dessa personagem?

Oriundo do circo eqüestre, criado por Philip Astely (1742-1814), o Clown, palhaço de picadeiro, figura mímica e elástica, cuja maquiagem do rosto é toda branca, procurava em cena fazer uma caricatura do cavaleiro, imitando estupidamente suas proezas. (AUGUET,1974, p.39).

Com gestos delicados, essa figura cômica (Clown) representava ao lado de Augusto. Por sua vez, o Augusto atuava de forma simples sem a ostentação do Clown, ingênuo, irreverente, alegre e na maioria das vezes atrapalhado. Esta personagem tem o poder de ridicularizar qualquer situação e qualquer um, sem ser penalizado.

Esse tipo todo atrapalhado, esteticamente deformado, grosseiro e ridículo, é oposto ao Clown Branco. Com gestos finos e elásticos, rosto branco com alguns contornos preto ou vermelho, o Clown Branco por si já aponta para algo uniforme, certo e puro. A brancura do seu rosto denota sua superioridade, seu ar aristocrático. Malicioso, enganador, o Clown Branco em cena ridiculariza o Augusto. Sua tarefa consiste em manipular e explorar o seu parceiro. Com sua inteligência, cria artificios envolvendo o Augusto nas diversas enroscadas. Aliás, esta é a sua tarefa: armar, inventar as mais diversas artimanhas em cima desta personagem. O Clown cria situações e o Augusto executa-as de forma toda atrapalhada, como deve ser um bom palhaço. Isso tudo se dá com muita pancadaria, tropeços e coisas do gênero. No entanto, em meio a toda essa bagunça e desencontros o Augusto acaba se saindo bem.

Em cena, o pobre Augusto representa nitidamente o expoente do andarilho, do marginal: aquele que não se ajustou não se integrou às regras da sociedade. Sua roupa, sua maquiagem, seus gestos denotam certa despreocupação em seguir normas, ou mesmo se ajustar aos padrões vigentes. Até a caracterização do Augusto, ao contrário do Clown Branco que está sempre alinhado, deve ser despreziosa. Se o Clown Branco é puro charme, o Augusto é desleixado. Mas, será mesmo que o Augusto é o expoente da miséria? Não será o Augusto uma personagem que rompeu com todas as normas vigentes e, portanto está longe de se encaixar nesta ou naquela conduta?

Se partimos do contexto histórico perceberemos que o surgimento do Augusto acontece em um momento em que a sociedade industrial procurava padronizar o indivíduo, criando mecanismos que o adequassem a uma sociedade tecnicista, pois a marginalidade nesta sociedade não cabia mais. Desta forma, o Augusto revela-se como o homem que não se encaixou nessa sociedade. Marginal por excelência, ele está à mercê de qualquer conduta pré-estabelecida. Com seu ar bobalhão e o nariz vermelho o Augusto demonstra ser incapaz de realizar as tarefas mais comuns. Aliás, este é uns dos motivos do riso ocasionado por ele, pois tudo o que faz, o faz de forma disforme.

Seu descompromisso, sua forma de vestir-se e comportar-se revelam o seu desapego a qualquer padrão e/ou conduta estabelecidos pela sociedade, ao contrário do Clown Branco, para quem tudo é ordem e fineza.

Bibliografia:

- ADOUM, J. E. Acrobatas da vida. *Correio da UNESCO*, Rio de Janeiro, v. 16, p.14-15, 1988.
- AUGUET, R. *Histoire et légende du cirque*. Paris: Flammarion, 1974.
- CAMARGO, J. *Humor e violência: uma abordagem antropológica do Circo-Teatro na periferia da cidade de São Paulo*. Campinas: Departamento de Ciências do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP. 123 p., 1998. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).
- DUARTE, R. H. *Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Campinas: UNICAMP, 1995.
- FABBRI, J e SALLÉ, A.(org.) *Clowns et farceurs*. Paris : Bordas, 1982.
- FONSECA, M. A. *O palhaço da burguesia*. São Paulo: Pólis, 1979.
- TORRES, A. *O circo no Brasil*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1998.